

FRANCISCO SOUSA FARIA DA SILVA

OS SALTEADORES  
DA TORRE DE LONDRES

coolbooks

# I

## Tempestade no Canal da Mancha

*“O sábio teme o céu sereno mas quando vem a tempestade  
caminha sobre as ondas e desafia o vento.”*

Confúcio

Nas primeiras horas da noite do dia 18 de setembro de 1616, uma violenta tempestade assolava o Canal da Mancha, à medida que um navio mercante inglês avançava nas águas iradas do mar.

No deque principal, os marinheiros corriam espavoridos de um lado para o outro, encharcados e fatigados.

– Não vamos conseguir chegar a Dover! – gritou um jovem marujo, desesperado.

Era muito magro e não devia ter mais de 15 anos.

– Calma, Samuel! – exclamou uma voz grave e confiante.

O miúdo virou-se e os seus olhos arregalaram-se quando encontraram os do capitão do navio, William Adams.

O capitão, de 52 anos, era um homem experiente, conhecedor do mar. Alto, de porte atlético e de cabelos e barbas grisalhas, vestia de seda púrpura, com botas reluzentes.

Adams ajudou o rapaz a puxar as cordas e depois deu-lhe uma palmada nas costas. Apontou para a penumbra do oceano, e todos os marinheiros olharam nessa direção.

– É ali que está a nossa terra! Vamos vacilar agora?

– Não, senhor! – gritaram em unísono os seus homens.

Adams esboçou um sorriso e correu até ao leme. Agarrou-o de tal forma que parecia ter em seu poder todos os corações da tripulação.

Os marinheiros levantaram as cabeças, orgulhosos.

– Combatemos os mares da Ásia, da África, dos confins do mundo! Temos a bordo passageiros e as nossas mercadorias. Não serão certamente as águas inglesas, nossas conterrâneas, que nos vão destruir! Estamos a um passo da nossa pátria e eu não vou ficar aqui. Não vou baixar os braços até

que as falésias brancas de Dover apareçam no horizonte! Estão comigo?

– Viva o capitão! – gritaram os marinheiros, erguendo os punhos cerrados.

– Até Dover! – exclamou Adams.

– Até Dover! – repetiram os marinheiros.

Entre eles, o jovem Samuel. Os seus olhos brilhavam. Sentia-se vivo e o capitão tinha-lhe dado a força de que ele necessitava.

O espaço era amplo por baixo do deque principal, mas estava apinhado por sombras de gentes, mercadorias do Oriente e canhões presos com cordas.

Um violento relâmpago rasgou os céus e iluminou a grande superfície através de duas pequenas janelas. As mulheres baixaram as cabeças, as crianças agarraram-se aos pais e os bebés choraram.

Junto a um canto, um pouco afastado da multidão, estava uma figura envolta num capote carmesim. Era um homem jovem, de 31 anos. Os cabelos, compridos, castanhos e ondulados, saíam-lhe pelo capuz que lhe mantinha a cara na penumbra. Tinha barba escura e os olhos, muito brilhantes, observavam a tempestade.

Um novo relâmpago iluminou-lhe a cara, revelando uma cicatriz na face esquerda. A luz fez estremecer Richelieu que, num ato involuntário,

levou a mão à linha vermelha. Aquela memória ficaria para sempre marcada em si. A estocada do infame Duque de Laval, o mesmo que tentara apoderar-se do trono francês e que matara o seu mestre de armas, o senhor de Essarts. Laval pagou finalmente pelos seus crimes, mas o perigo do seu legado ainda estava bem presente no coração daqueles que ousaram opor-se à sua tirania.

Richelieu mergulhou nas suas memórias e agarrou a espada do seu amigo, professor, defensor da liberdade e pai da mulher que tinha conquistado o seu coração.

Era por ela, Cecille de Essarts, que se encontrava incógnito a bordo daquele navio mercante, rumo a Inglaterra. Richelieu e Cecille tinham seguido rumos diferentes. Não se viam há seis anos, mas os eventos ocorridos em Florença meses antes tinham aberto os olhos a Richelieu. Naquele momento, a sua prioridade era o seu coração.

– É irónico, não é? – perguntou uma voz vinda da escuridão, com sotaque italiano. – Toda esta gente foge da guerra, mas, por força do destino, vieram ao encontro da guerra do mar.

Richelieu despertou da sua viagem ao passado e procurou ver quem lhe tinha dirigido a palavra. Na penumbra, o jovem conseguiu distinguir

as linhas de uma figura masculina de meia-idade. O homem, que rondava os 60 anos, estava também envolto numa capa. Richelieu conseguiu ver a roupa de seda negra. O estranho homem tinha cabelos brancos, encaracolados e compridos. A barba estava bem aparada e os seus olhos azuis assemelhavam-se aos de um leão branco. Era uma figura imponente e devia ter mais ou menos a estatura de Richelieu.

– Esta pobre gente procura um futuro melhor, longe das guerras religiosas e das perseguições fúteis da coroa espanhola nos Países Baixos.

O homem sorriu.

– Falais como um verdadeiro estadista.

– Falo de justiça, igualdade, fraternidade. Não é preciso ser-se estadista para lutar por estas causas.

– Quem critica a injustiça fá-lo não porque teme cometer ações injustas, mas porque teme sofrê-las – proferiu o misterioso personagem.

Richelieu mostrou-se um pouco apreensivo quando ouviu o homem citar Platão.

– Não vos preocupeis – acrescentou o estranho.  
– Sou apenas um peregrino que vai a Londres.

– Não sois huguenote? – interrogou o jovem.

O homem abanou a cabeça em sinal negativo.



– E tal como vós, prefiro manter a minha identidade secreta.

Nesse momento, um grande estrondo irrompeu por todo o espaço. As vozes iradas dos marinheiros no deque principal fizeram-se ouvir com mais intensidade. As pessoas gritaram quando os canhões e os grandes barris de mercadorias se desprenderam e começaram a rolar por todo o espaço. Algumas pessoas foram atingidas enquanto outras se desviavam, horrorizadas com toda aquela cena dantesca.

– Depressa! – gritou Richelieu. – Temos de fazer alguma coisa!

O navio estava descontrolado, e lá no alto, agarrado ao leme, o capitão Adams deu ordem para que a sua tripulação ajudasse os passageiros a ocuparem as cabines da parte de cima.

– Não sei se vão caber todos! – gritou o imediato para o capitão.

– O espaço é apertado, mas se ficarem lá em baixo correm sérios riscos de morrer!

– E as mercadorias?

– As pessoas em primeiro lugar!

Os marinheiros abriram o compartimento e a água da chuva entrou com a força de uma cascata.

Richelieu e o peregrino ajudaram as pessoas a subir para o deque principal. Os gritos de pânico



misturaram-se com o som das ondas do mar que embatia nas pessoas.

– Onde está a minha filha?! – gritou uma jovem mulher, desesperada.

Richelieu deu uma olhadela rápida ao espaço. Ao fundo, atrás de um barril, distinguiu a silhueta de uma criança de longos cabelos louros. Tinha o pé preso.

– Meu Deus! – clamou a mulher.

Richelieu impediu-a de correr atrás da filha. A mulher ainda tentou soltar-se, dando alguns murros no peito do jovem.

– Eu vou lá! – gritou Richelieu.

– Não!

O jovem abanou-a.

– Prometo que salvo a sua filha.

– Temos de fechar a escotilha, senão a água vai acabar por afundar o navio! – exclamou um marinhheiro.

Richelieu trocou olhares com o peregrino. O estranho personagem agarrou na mulher enquanto o jovem correu na direção da criança.

Quando a alcançou, pousou a mão sobre a sua cabeça. Não devia ter mais de 7 anos. Depois, certificou-se de que o pé da rapariga não estava partido, afastou o barril e pegou nela ao colo. A pequena não parava de chorar.

Richelieu lembrou-se de Clarick, a sua pupila e amiga.

Nesse instante, o mar tornou-se ainda mais violento. A mulher agarrou a sua filha nos braços e chorou, olhando para Richelieu como se lhe estivesse a pedir desculpa.

O jovem encaminhou-a para o interior das cabines principais. De seguida, voltou para o exterior e ajudou os marujos a controlarem os mastros.

O capitão Adams continuava a segurar o leme. Se não fosse a sua experiência, o barco podia já ter virado.

Richelieu e Samuel prenderam as mercadorias e os canhões com cordas, mas a força do mar empurrou-os para o chão. Outro raio rasgou os céus negros e partiu um dos mastros em dois. Ensopado em água e ainda caído, Richelieu viu o enorme tronco de madeira vir na sua direção.

O jovem paralisou. Foi nessa fração de segundo que dois braços fortes o puxaram, evitando que o mastro o atingisse violentamente.

Ainda atarantado, Richelieu procurou ver quem o tinha salvado. Encontrou os olhos brilhantes e intensos do peregrino. Tinha sido ele.

Mas a força do destino voltou a atacar e uma valente e perigosa onda varreu o deque do navio, levando consigo o salvador de Richelieu.

– NÃO! – gritou o jovem.

– Homem ao mar! – gritaram os marinheiros.

A figura do peregrino distinguiu-se durante alguns momentos entre as ondas iradas e descontroladas.

– Está perdido – disse Samuel.

– Não enquanto eu respirar! – exclamou Richelieu.

Agarrou numa corda e prendeu-a à cinta. Correu e saltou de forma acrobática para as profundezas do oceano. A água estava gelada e escura. Quando veio à superfície, Richelieu ainda se debateu durante algum tempo com as violentas ondas que o impediam de nadar. Gritou e, juntando todas as suas forças, mergulhou e nadou até ao peregrino. A corda estava a chegar ao limite quando agarrou a mão do homem.

O misterioso personagem estava inconsciente. Ao ver que Richelieu tinha alcançado o peregrino, o capitão Adams deu ordem para puxarem a corda. Os homens huguenotes vieram em auxílio dos marujos e do capitão.

Todos juntos, numa só força, puxaram os dois homens para o deque. Ampararam-nos e encostaram-nos à parede da entrada das cabinas. Parara de chover e as ondas perdiam intensidade à medida

que o navio avançava. O perigo tinha passado. Richelieu deixou-se ficar no chão a recuperar o fôlego. Samuel veio ao seu encontro e tirou o barrete em sinal de deferência.

– Senhor, o que fez por este homem foi o ato mais corajoso que alguma presenciei em toda a minha vida.

Richelieu baixou a cabeça. Estava cansado e não prestou muita atenção ao que o garoto lhe tinha dito. Os marujos ajudaram o jovem a levantar-se. O capitão William Adams saudou o herói.

Os homens gritaram vivas e mostraram o seu respeito pelo ato de bravura de Richelieu. No interior da cabine principal, os passageiros respiraram de alívio e deram graças por terem sobrevivido àquele dilúvio.

O peregrino recuperou os sentidos e estendeu a mão a Richelieu. Cumprimentaram-se de forma romana, com a palma das mãos a agarrar os pulsos. Tinham vencido uma batalha contra a natureza e não demoraria muito para que, no recorte do horizonte, comessem a aparecer as primeiras linhas das famosas e tão desejadas falésias brancas de Dover.